

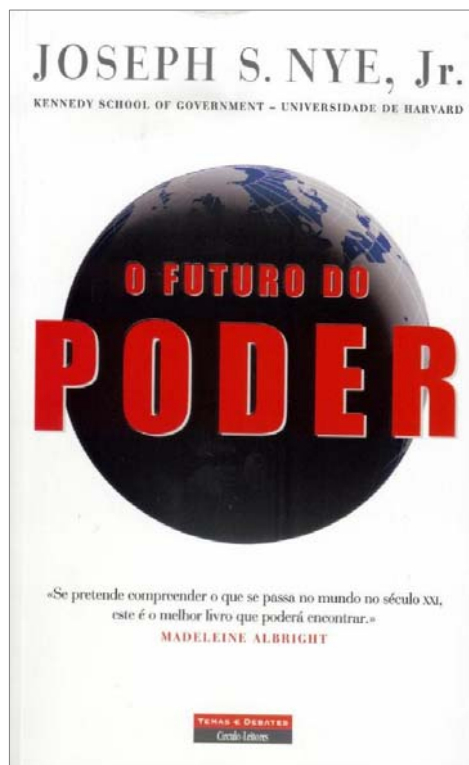
O que é (ou devia ser) o poder dos EUA

Mário Beja Santos¹, beja.santos@dg.consumidor.pt

Joseph S. Nye, Jr. é um nome influente em assuntos de segurança internacional nos EUA. O seu livro “*O futuro do poder*”, editado pelo Círculo de Leitores e Temas de Debates, 2012 deve ser apreciado por alguém que conhece a fundo a política externa dos EUA e reflete com rigor e ponderação sobre a ideia de que os EUA estão, ou podem estar, em declínio acelerado. A sua análise integra as diferentes formas de poder e escreve: «O poder distribui-se pelo mundo num padrão que se assemelha a um complexo jogo de xadrez tridimensional. No tabuleiro superior, o poder militar é em grande medida unipolar e é provável que os EUA mantenham a sua supremacia durante algum tempo.

Contudo, no tabuleiro central, o poder económico é multipolar há mais de uma década, com os EUA, a Europa, o Japão e a China como principais jogadores, tendo vindo outros a ganhar uma importância acrescida. A economia europeia é maior do que a americana. O tabuleiro inferior é o reino das relações transnacionais que atravessam fronteiras que se encontram fora do controlo governamental, e que incluem intervenientes não estatais tão diversos como banqueiros, terroristas ou piratas informáticos. Este tabuleiro também conta com novos desafios transnacionais, como sejam as pandemias e as alterações climáticas. Neste tabuleiro inferior, o poder encontra-se vastamente difundido, não fazendo aqui sentido falar de unipolaridade, multipolaridade, hegemonia, ou quaisquer outros chavões aproveitados pelos líderes e pelos analistas políticos».

Toda esta longa análise oscila entre o que se convencionou chamar poder duro e poder suave, por quanto o autor pretende privilegiar o “poder inteligente” que ele define



¹ Técnico Superior da Direcção-Geral do Consumidor, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

como a capacidade de combinar os recursos do poder suave e do poder duro em estratégias eficazes, e argumenta: «O poder duro e o poder suave reforçam-se e outras vezes contrariam-se, pelo que se torna importante uma boa inteligência contextual para distinguir a forma como interagem em diferentes situações». E enuncia o que ele considera o desenvolvimento de estratégias do poder inteligente eficazes aplicáveis nos vários tipos e usos do poder. Os confrontos e os teatros de guerra sabem que as armas nucleares não são para ser usadas, servem para intimidar. O uso de forças convencionais é cada vez mais dispendioso e a ocupação de um país requer meios fabulosos. Qualquer confronto aparece dependente das relações de força, da globalização económica e da possibilidade de contar com a adesão maioritária da população civil. A contra-insurreição só com meios militares é totalmente impossível. A própria diplomacia coerciva tem limites, o que obriga a repensar o futuro do poder militar: providencia um grau de segurança mas no futuro não terá a mesma utilidade para os estados que teve nos séculos XIX e XX.

O poder económico é um terreno híbrido, com assimetria nos mercados de moeda, com equilíbrios entre grandes potências, em que o fórum do G-8 é bem diferente da cimeira do G-20, associa-se à posse de recursos naturais (as potências em caso algum ignoram as sedes da energia). E o autor chama a atenção para a complexidade das relações: «É um erro argumentar que o século XXI será a era da geoeconomia. A difusão do poder para intervenientes não estatais, entre eles das empresas transnacionais, impõe limites às estratégias estatais que preveem o uso de instrumentos económicos. Os Estados irão com frequência ter dificuldade em servir-se do poder económico, tanto por ser difícil controlar os intervenientes do mercado como por as condições do mercado serem variáveis».

O autor explana os requisitos do poder suave, quais as suas fontes e como é que os EUA se comportam com a sua utilização, exemplifica com o uso diplomático, rematando que o seu uso é muito complexo, em especial na era da cibernética, tema que desenvolve com abundância dando conta dos limites do ciberpoder, pois é pouco provável que ele venha a alterar as regras do jogo em todo o processo de transições do poder que estão em jogo, tudo está dependente se a transição do poder ocorrer numa atmosfera do declínio norte-americano ou não. Para tornar compreensíveis as suas teses, Joseph Nye, Jr. faz um excuro comparativo entre o século britânico e século norte-americano para se entender como evoluíram as potências e em que ponto estão

hoje a Europa, o Japão, os BRIC. E infere: «A América não se encontra em declínio absoluto e é provável que nas décadas vindouras permaneça mais poderosa do que qualquer outro Estado, embora a preponderância económica e cultural americana se venha a tornar menos dominante do que no início do século. Ao mesmo tempo, os EUA de certeza que se verão confrontados com um aumento dos recursos do poder de muitos outros – tanto intervenientes estatais como não estatais». A solução preconizada é o uso do poder inteligente e observa que grande parte do trabalho de governação global vai depender de redes formais e informais. Recorda que organizações em rede, como o G-20, servem para criação de objetivos e criação de consenso. Sendo prematuras as previsões de um século asiático, é discernível que os EUA vão continuar a ser mais centrais do que outros países numa rede global densa de governação. E para isso propõe uma estratégia americana de poder inteligente, concluindo assim: «Uma estratégia de poder inteligente exige que a velha distinção entre realistas e liberais dê lugar a uma nova síntese que poderemos chamar de realismo liberal. Uma estratégia de poder inteligente realista liberal terá de começar com a compreensão da força e dos limites do poder americano. Os EUA podem influenciar mas não controlar outras partes do mundo». E perfila o grande risco e a ameaça: o cruzamento dos terroristas com materiais nucleares. E mostra-se tranquilizador, é como que todo o cenário que esboça para o uso do poder inteligente apareça agora como previsão praticamente irrefutável: «Os EUA vão precisar de uma estratégia para lidar com a ascensão de Estados e intervenientes não estatais. Os EUA vão precisar de uma estratégia de poder inteligente e de uma narrativa que enfatizem alianças, instituições e redes que reajam ao novo contexto de uma era de informação global. Em suma, para serem bem-sucedidos no século XXI, os EUA terão de voltar a discutir como ser uma potência inteligente».

Um longo e cultíssimo ensaio de alguém que é um nome indiscutível nas relações internacionais e que sabe propor uma fórmula para o poder inteligente contrariar medidas duras que possam abrir caminho ao declínio norte-americano.